

O plano Barroso e a União Europeia

por Mário Soares

1. Não serei eu que deixarei de considerar importante o Plano para estimular a economia europeia, no seu conjunto, apresentado pelo Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso. Entre as opções possíveis adoptou, com inesperada audácia, pelo investimento em projectos criadores de emprego, para dinamizar a economia e favorecer os mais desprotegidos: as classes médias, os desempregados e os imigrantes, as maiores vítimas da crise.

É certo que não ignora que joga, no sucesso deste plano, - que deverá ser discutido, pelos 27 Estados membros - na Cimeira de 11 e 12 de Dezembro - a sua reeleição como Presidente. Mas, seja como for, representa um sinal de confiança no progresso da União, quando os países europeus, sobretudo os mais fortes, parecem não ser capazes de se entender quanto a um plano comum para debelar a crise, que, com maior ou menor profundidade, os afecta a todos. E ainda agora a procissão está a sair da Igreja...

Porquê? Porque num momento de aflição cada país europeu parece pensar, apenas ou principalmente, nos seus interesses específicos. Ora é a União que os pode defender melhor. O euro é, nesse aspecto, o melhor exemplo. Onde estaríamos nós, como tantos outros, se não pertencêssemos à zona euro? No novo mundo multicultural, de grandes conjuntos populacionais, económicos e civilizacionais, nenhum país europeu, por si só, tem dimensão para ser um grande protagonista global. Nem a Alemanha reunificada, o maior de todos.

Pretendem os optimistas que as crises, por mais graves que sejam, abrem também novas oportunidades a quem as saiba aproveitar. A União Europeia sofre de paralisia institucional e da ausência de lideranças fortes e respeitadas. Novos ventos sopram dos Estados Unidos, antes mesmo de Barack Obama tomar posse (a 20 de Janeiro), o que é também um fenómeno novo - e significativo - das forças sociais, culturais, científicas e artísticas que a sua campanha desencadeou e não vão parar.

Os dirigentes políticos europeus devem compreender que o paradigma económico está a mudar, acelerada e radicalmente. Menos Estado? Privatizações de empresas públicas ou semi-públicas? Entregar aos privados os hospitais? Os sectores estratégicos? A segurança social? A segurança dos próprios cidadãos? Quem ousa agora preconizar isso, quando os banqueiros são os primeiros, de mão estendida, a pedir a intervenção dos Estados, para salvar os seus bancos de falências certas?

O neo-liberalismo implodiu, pela mesma forma inesperada e radical, como, há quase duas décadas, caiu o "muro de Berlim", a Cortina de Ferro e implodiu o totalitarismo soviético.

Os dirigentes europeus tradicionais ou compreendem a mudança - e procedem em conformidade - ou estão condenados a desaparecer de cena. A lógica dos tempos é implacável para

os que a não entendem. A crise europeia vence-se com mais Europa Política, com mais coesão inter-comunitária e mais solidariedade entre os Estados que integram a União. E não procurando cada Estado resolver os seus problemas, ignorando ou tentando ignorar, os dos seus parceiros...

Maria João Rodrigues, ministra de António Guterres e actual Consultora da Comissão, com a sua habitual lucidez, que tanto admiro, advertiu: "Esta recessão vai ser profunda e vai demorar. Estamos apenas no seu início. Pela primeira vez é globalizada. A China já tem um plano de recuperação muito ambicioso. Da nova Administração Obama espera-se o mesmo, Se a Europa – como tal – não reagir ao mesmo nível e com a mesma ambição, pagará um custo alto, quer a nível financeiro, quer a nível social." Assim é, de facto.

A opinião pública europeia, tão raramente consultada e devidamente informada, como devia, tem aqui um papel decisivo a desempenhar. Deve pressionar os seus dirigentes, gritando-lhes que o tempo é de mudança. O que implica novas políticas diferentes e especialmente atentas ao social e ao ambiental. Senão, caminharemos inexoravelmente para o abismo.

2. O IV Fórum dos Diálogos da Terra no Planeta Água teve lugar, este ano, em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Trata-se de uma organização global criada por Mikhail Gorbachev, há alguns anos – a que me honro de pertencer – intitulada Green Cross e que tem várias delegações nacionais entre as quais a Green Cross Brasil, que é extremamente activa. Tem por principal objectivo debater e consciencializar a opinião pública global para as ameaças que pesam sobre o nosso Planeta e sugerir políticas que as possam minorar ou mesmo anular.

Suponho que a Green Cross internacional, foi criada depois e talvez mesmo em consequência da Conferência do Rio, em 1992, em que participei, e que divulgou por forma criativa o conceito do desenvolvimento sustentável, tentando demonstrar que não basta um desenvolvimento sem regras – que arrastaria, a prolongar-se, o Mundo e a espécie humana a um desastre irreparável. Pelo contrário: tem de ser pautado, sem perda de tempo, por uma dimensão social – o respeito pelas pessoas – e ambiental, ou seja, o respeito pela Natureza e pela biodiversidade das espécies vivas.

A reunião de Minas Gerais, de 26 a 29 do último mês de Novembro, teve uma enorme participação, brasileira e internacional (mais de 2.000 pessoas) e foi realizada em parceria com o popular governador de Minas Gerais, Aécio Neves, neto do saudoso Presidente do Brasil, Tancredo Neves.

Versou quatro grandes temas: I A água e as Mudanças Climáticas (tendo o Brasil, como se sabe, uma extraordinária riqueza hídrica); II Energias Renováveis para uma Sociedade Sustentável; III Novas abordagens para o Planeamento Territorial; e IV Solidariedade Internacional e Cooperação Sul-Sul. Reunindo muitas dezenas de ambientalistas de reputação mundial, entre eles, o Prémio Nobel, ex-aquele de Al Gore, Mohan Munasinghe e de grandes ONG's, que se ocupam exclusivamente da defesa dos equilíbrios ecológicos do Planeta, o Fórum foi um enorme sucesso e concluiu com a votação da Carta de Minas Gerais, que será levada à próxima reunião de Istambul (Turquia).

Houve, contudo, dois temas de que não se falou suficientemente, apesar da excelente organização do Fórum e da impressionante participação, conhecimento e entusiasmo dos debates: o desmatamento da floresta amazónica (que continua a ser preocupante, apesar das medidas já tomadas); e a situação dos Oceanos, de que o professor José Israel Vargas, antigo ministro do Ambiente e eu próprio levantámos com a Declaração de Lisboa, no ano internacional dos Oceanos (1998) e da apresentação do relatório "O Oceano nosso futuro" à Assembleia Geral das Nações Unidas, cuja reavaliação vamos agora fazer em Lisboa em 12 de Dezembro próximo.

Quando estava ainda reunido o IV Fórum dos Diálogos da Terra no Planeta Água, o ex-Vice-Presidente Al Gore, autor do livro e do filme "Uma verdade inconveniente", publicou na imprensa internacional, traduzido em português pela "Visão", uma edição verde S.O.S. Oceanos, de 27 de Novembro último, o artigo intitulado: "O clima para a mudança", em que escreveu: "Os passos necessários para resolver a crise climática são exactamente os mesmos que têm de ser dados para resolver a crise económica". É certo.

Tenhamos, pois, confiança!

Mário Soares

Lisboa, 3 de Dezembro de 2008